

Subjetividade e enunciação em Benveniste: fundamentos de uma Semântica linguística

Subjectivity and enunciation in Benveniste: foundations of a linguistic Semantics

Subjetividad y enunciación en Benveniste: fundamentos de una Semántica lingüística

Jorge Viana Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb/Brasil)

viana.jorge.viana@uesb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-8548-4379>

RESUMO

Neste artigo, a partir da releitura de textos fundamentais de Benveniste (1956/1966; 1958/1966; 1959/1966; 1965/1974; 1967/1974; 1969), buscamos detectar de que forma o autor, por formação um linguista histórico, e depois um expoente entre os estruturalistas, consegue, mesmo admitindo a noção de língua como sistema, trazer para a Linguística em meados do século XX a necessidade de se estudar um campo então novo e praticamente inexplorado, em vista do corte metodológico de Saussure (1916): a enunciação, e suas implicações. Postulamos que o pensamento benvenistiano articula, reinterpreta e por vezes desloca noções fundamentais de Breál (1897) e de Saussure (1916), no sentido de, com originalidade, conseguir abordar o sujeito na/da linguagem, no âmbito de uma Semântica linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica; Subjetividade; Enunciação; Benveniste.

* Sobre o autor ver página 219.



ABSTRACT

In this paper, based on the re-reading of fundamental texts by Benveniste (1956/1966; 1958/1966; 1959/1966; 1965/1974; 1967/1974, 1969), we aim to detect how the author, first a historical linguist, and later an exponent among the structuralists, manages to bring to Linguistics in the mid-twentieth century the need to study a field then new and practically unexplored, in view of Saussure's methodological approach (1916): the enunciation, and its implications. We postulate that Benvenistian thought articulates, reinterprets and sometimes displaces fundamental notions from Breál (1897) and Saussure (1916), in the sense of, with originality, being able to approach the subject in/ of language, in the context of a linguistic Semantics.

KEYWORDS: *Semantics; Subjectivity; Enunciation; Benveniste.*

RESUMEN

En este artículo, a partir de la relectura de textos fundamentales de Benveniste (1956/1966; 1958/1966; 1959/1966; 1965/1974; 1967/1974, 1969), buscamos detectar cómo el autor, lingüista histórico, y luego exponente entre los estructuralistas, consigue, aun admitiendo la noción de lengua como sistema, traer a la Lingüística de mediados del siglo XX la necesidad de estudiar un campo entonces nuevo y prácticamente inexplorado, a la vista del planteamiento metodológico de Saussure (1916): la enunciación, y sus implicaciones. Postulamos que el pensamiento benvenistiano articula, reinterpreta y en ocasiones desplaza nociones fundamentales de Breál (1897) y Saussure (1916), en el sentido de, con originalidad, poder abordar el sujeto en/ del lenguaje, en el ámbito de una Semántica lingüística.

PALAVRAS CLAVE: *Semántica; Subjetividad; Enunciación; Benveniste.*

1 Introdução

É inegável a importância da obra de Benveniste para a Linguística moderna, em geral, e para a Semântica, em particular. Cronologicamente, vamos encontrá-lo num contexto em que circulavam, dominantes, de um lado, as concepções linguísticas de cunho diacrônico, da Linguística Histórica e da Gramática Comparativa; e de outro, uma concepção inovadora, radicalmente contrária ao comparativismo diacrônico como método único da Linguística: a posição de Saussure, considerando a língua como sistema de signos que funciona sincronicamente.

Hoje, a leitura atenta da obra de Benveniste mostra que ele, nesse contexto, conseguiu um feito que, parecendo, em princípio, contraditório, revelar-se-ia mais tarde um dos diferenciais de seus escritos: conseguiu tanto desenvolver obras da importância de um *Vocabulário das instituições indo-europeias*

(BENVENISTE, [1969] 1995), quanto construir, paralelamente¹, e passo a passo, noções fundamentais de Linguística Geral, consignadas, por exemplo, em **Problemas de Linguística Geral I e II** (BENVENISTE, 1966, 1974). Muitas dessas noções redundariam numa concepção de linguagem que, sem paradoxos, assume a ideia de língua como estrutura e, ao mesmo tempo, transcende essa posição, inaugurando, com um método próprio, uma linguística que, sem deixar de ser geral, considera o homem, como sujeito: uma Linguística da Enunciação, na qual a subjetividade e a significação figuram como elementos fundamentais da análise.

Assim, um problema se coloca: como Benveniste conseguiu ser ao mesmo tempo um estruturalista e um dos precursores de uma linguística que se diferencia da linguística da *Langue* de Saussure justamente por ter como escopo considerar a enunciação, e, nesta, o sujeito, este e aquela excluídos pelo *corte saussuriano*²?

Uma eventual resposta parece passar pela consideração de que, através da articulação, reinterpretação e, por vezes, deslocamentos de noções fundamentais do pensamento de figuras como Bréal e Saussure, Benveniste transcende ambos ao lançar, em um novo quadro conceptual, as bases de uma semântica linguística embasada, por exemplo, na distinção entre os níveis semiótico e semântico da língua; e em conceitos próprios de enunciação e subjetividade na linguagem. Em suma, Benveniste começa onde Bréal (1897) e Saussure (1916) pararam e viram limites ou metodologicamente os criaram.

Assim, procurarei proceder a uma revisão de literatura de textos fundamentais de Benveniste, em especial *A natureza dos pronomes* (1956/1966), *Da subjetividade na linguagem* (1958/1966), *As relações de tempo no verbo francês* (1959/1966), e ainda *A linguagem e a experiência humana* (1965/1974), *A forma e o sentido na linguagem* (1967/1974), *Semiologia da língua* (1969/1974) e *O aparelho formal da enunciação* (1970/1974). Para tanto, busco detectar, nesses textos, a título de resenha, de que forma o autor, por formação um linguista histórico, depois, incluído entre os estruturalistas, consegue, sem abandonar no todo a noção de língua como sistema, trazer para a Linguística a necessidade de se estudar um campo, então novo e praticamente inexplorado, em vista mesmo do corte metodológico atribuído ao Saussure do *Curso*: a enunciação, e suas implicações – do sujeito ao aparelho formal da linguagem que marca, nela própria, a subjetividade.

Em virtude mesmo do tipo de texto característico usado por Benveniste, ao tratar de Linguística geral: o artigo e o ensaio, sem seguir necessariamente a ordem cronológica, efetuaremos uma reordenação parcial em torno de temas, ficando claro de antemão, não se tratar de uma exegese. Nesse sentido, em primeiro lugar, procurarei detectar como Benveniste, a

¹ Apesar de publicado em 1969 como livro, **O Vocabulário** reúne os textos aulas de Benveniste no Collège de France, remontando, portanto, as ideias desenvolvidas por ele pelo menos a partir de 1937 (cf. BENVENISTE, [1969] 1995, p. 12).

² Para empregar o termo de Dosse (1991).

partir da retomada de Bréal, desenvolve a noção de subjetividade na linguagem, entendendo a Linguística como uma ciência humana, uma vez que, para ele, uma das funções primordiais da linguagem é a significação, em função de um sujeito. E em seguida, buscarei evidências de que, para Benveniste, a possibilidade mesma de se fazer uma Linguística, indo além da *Langue*, e que considerasse a língua posta em ação, a enunciação, repousa sobre a compreensão de como a linguagem articula na significação elementos de dois níveis: o semiótico e o semântico.

2 Benveniste: entre Bréal e Saussure, extraindo “o melhor de dois mundos”

Se remontarmos a um dos textos mais conhecidos de Benveniste, **A natureza dos pronomes** (1956/1966), vamos encontrá-lo ali afirmando que os pronomes, a exemplo de *eu* e *tu*, devem ser considerados como um fato de linguagem: são universais. Comenta acerca das propriedades discursivas desses pronomes, destacando sua capacidade de converter a língua em discurso. Além disso, pontua que o signo EU liga-se ao exercício da linguagem e, declarando o locutor como tal, representa a “[...] propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira” (BENVENISTE, [1956/1966] 1995, p. 281). Por conseguinte, enfatiza a possibilidade do *eu* organizar, como seu, o discurso tornando-se sujeito: “É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’” (BENVENISTE, [1956/1966] 1995, p. 281).

Estava aberto assim o caminho para a discussão acerca da subjetividade na linguagem: por que a linguagem possuía tal propriedade? Será que todas as línguas particulares eram providas da noção de pessoa? Como a dêixis se organiza? Muitas das questões pontuadas em Benveniste (1956/1966) seriam retomadas e discutidas com mais profundidade em **Da subjetividade na linguagem** (1958/1966). Nesse texto, dentre outros, encontram-se quatro pontos fundamentais.

Em primeiro lugar, a crítica à concepção, então em voga, de que a linguagem seria um instrumento a serviço do homem. Para Benveniste ([1958/1966] 1995, p. 285), conceber a linguagem como instrumento de comunicação, do mesmo nível de um instrumento outro, por exemplo, material, equivale a admitir que o homem teria criado, fabricado a linguagem, assim como criou, por exemplo, a roda. O autor contesta tal proposição lembrando que “isso é pura ficção”, visto que “[...] não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a”.

Fazia-se necessário, pois, apontar evidências de que a linguagem não é instrumento, mas está no homem. Não é outra coisa o que faz Benveniste ao sublinhar que

Todos os caracteres da linguagem, a sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, a sua organização articulada, o fato de que tem um conteúdo, já são suficientes para tornar suspeita essa assimilação a um instrumento, que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 285).

Isto porque, em tal ou tal medida, a linguagem seria uma realidade vinculada ao homem que, por sua vez, depende dela para se constituir como sujeito. Embora, não criada por ele a exemplo de um instrumento, há uma relação constitutiva entre ambos: a relação, ensina Benveniste, não é instrumental, mas pragmática: sujeito e linguagem se atualizam no ato discursivo, a língua posta em ação.

Em virtude disso, em segundo lugar, destaca-se a noção benvenistiana de que a constituição do homem como sujeito se faz pela linguagem:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’ (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 286).

Patenteia-se também aqui, conforme o autor, o postulado de que a linguagem se organiza para permitir a expressão da subjetividade, possibilitando a apropriação da língua pelo sujeito. Daí a razão da muito citada afirmação de que “a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como *eu*” (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 288).

Tal apropriação, esclarece Benveniste ([1958/1966] 1995, p. 289), não se processa de qualquer modo: a linguagem já contém as formas apropriadas para tal. Lembra ainda que, se por um lado, a linguagem, enquanto forma, constitui a possibilidade da subjetividade, por outro, o discurso faz emergir a subjetividade, visto consistir de instâncias discretas³. Mais ainda: “A instância do discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito [...]” (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 289).

Enfim, como um terceiro aspecto fundamental em Benveniste ([1958/1966] 1995), aponte-se a conceituação de subjetividade referida por ele, inicialmente, nos seguintes termos: “A ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 286), para em seguida, completar, afirmando:

³ Acrescente-se que a natureza dessa articulação entre a linguagem, uma estrutura formal, e o discurso, que pressupõe a ação de um eu dizer “eu”, apropriando-se da linguagem para fazer significar, somente ficará esclarecida mais tarde, quando Benveniste explicar a diferença entre os dois níveis de significância da língua: o semiótico e o semântico

Ora, essa ‘subjatividade’, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É ‘ego’ que diz ego. Encontramos aí **o fundamento da ‘subjatividade’** que se determina pelo *status* de ‘pessoa’ (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 286, grifo nosso).

Note-se que a noção de pessoa avulta como basilar no modo de Benveniste conceber a subjatividade. Tanto é assim que considerando a distinção linguagem (a capacidade humana universal), em oposição a língua (capacidade particularizada socialmente), Benveniste ([1958/1966] 1995, p. 287) assinala que “[...] entre os signos de uma língua, de qualquer tipo, época ou região⁴ [...], não faltam jamais os ‘pronomes pessoais’”.

Para ele, haverá naturalmente diferenças entre formas nas línguas particulares, ou ainda até a possibilidade de as formas aparecerem implícitas ou explícitas, mas, de qualquer sorte, a linguagem impõe à língua, como obrigatória, a noção de pessoa, o eu/tu ocupando o lugar principal. Daí a afirmação de que “uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível” (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 287). Por quê? Certamente porque, como explica ele, “[...] [a linguagem] é tão profundamente marcada pela subjatividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e se chamar linguagem” (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 287).

Nesse ponto, não seria demais lembrar que, a rigor, Benveniste ([1958/1966] 1995, p. 287) concebe a subjatividade, de um lado, como intersubjatividade, visto dizer, referindo-se ao par eu/tu que “é numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento da subjatividade⁵”; e, de outro, como marcada linguisticamente por meio de formas como os pronomes pessoais.

Veem-se aqui pontos de contato entre Benveniste e Bréal. Isto porque cada um a seu modo concebeu a linguagem como um fenômeno humano, e não natural, orgânico. Cada um a seu modo concebeu a Linguística como uma ciência humana, rompendo, assim, com a tradição comparatista. Cada um a seu modo buscou explicar e sublinhar a importância da relação homem/linguagem e, por isso mesmo, buscou priorizar e encarecer em seus textos e análises a necessidade de se considerar a significação, para ambos um dos papéis fundamentais da linguagem. Enfim, cada um a seu modo percebeu a preeminência da subjatividade na linguagem e propôs associá-la ao estudo de uma Semântica Linguística.

⁴ Benveniste, como exímio Linguista histórico, estava autorizado a fazer uma tal afirmação.

⁵ Como se verá adiante, dentre outros aspectos, esse modo de entender a intersubjatividade diferenciará Benveniste de Bréal.

Como se sabe, ainda em 1897, Bréal publica o **Ensaio de Semântica**, obra tida como fundadora da Semântica enquanto disciplina linguística⁶. Esse livro trouxe, dentre outras, uma inovação primordial para a Linguística, qual seja, a de considerar que “[...] a mudança se dá pela intervenção da vontade, ou seja, há algo do sujeito que produz a mudança” (GUIMARÃES, 1995, p. 16). Essa “vontade” será o mote de Bréal (1897) ao longo praticamente de toda a obra. Mas é no capítulo “*O elemento subjetivo*” que ele delinea o que vem a ser a sua compreensão da subjetividade. Ali, em primeiro lugar, o autor faz uma comparação. Se se tomasse a linguagem como um drama em que as palavras figuram como atores - compara ele -, haveria uma circunstância especial: “o produtor intervém frequentemente na ação para nela misturar suas reflexões e seu sentimento pessoal [...]” (BRÉAL, [1897] 1992, p. 157). A essa intervenção Bréal denomina de *aspecto subjetivo da linguagem*.

Por conseguinte, embasado nessa constatação, formula duas importantes premissas. A primeira, a de que as línguas possuem formas próprias para representar o aspecto subjetivo: palavras ou membros de frase; formas gramaticais; e o plano geral da língua (cf. BRÉAL, [1897] 1992, p. 157). A segunda, a de que essas formas marcam a intervenção (subjetividade) daquele que fala naquilo que fala (cf. GUIMARÃES, 1992, p. 14).

E, por fim, após exemplificações, envolvendo advérbios modalizadores a tempos verbais, pessoas e conjunções, Bréal conclui frisando o alcance e a importância dessa subjetividade marcada nas línguas: “Não se trata [...] de um acessório, de uma espécie de superfluidade, mas ao contrário de uma parte essencial, e, sem dúvida, do fundamento primordial ao qual o resto foi sucessivamente ajuntado” - afirma.

Em síntese, ao postular um elemento subjetivo na linguagem, pode-se dizer que Bréal estava processando uma ruptura com a posição dos comparativistas. Deslocava a Linguística do âmbito das ciências naturais e propunha dar a ela um devido lugar nas ciências humanas (i.e, históricas, na sua terminologia), na medida em que reconhecia o fato de que ao interferir e se marcar na linguagem o homem estava fazendo significar. Daí a necessidade de fundar a Semântica, que, “[...] na construção de Bréal, é uma disciplina linguística [...] que considera a linguagem como fenômeno humano, portanto histórico” (GUIMARÃES, 1995, p. 18).

Isso posto, pergunta-se: Benveniste teria aproveitado essa noção de *aspecto subjetivo* de Bréal? Teria sido influenciado em que medida por ela?

Benveniste, como Bréal, resguardadas as diferenças, por conceber a relação homem/linguagem como constitutiva do sujeito e da linguagem,

⁶ Embora o *Ensaio* seja a obra clássica com a qual Bréal é geralmente referido, Guimarães (1995, p. 13) lembra que ele emprega o termo *semântica* já em uma obra de 1883, **Les lois intellectuelles du langage. Fragment de Sémantique**.

⁷ Cumpre notar que o termo *histórico*, em Bréal, tem um sentido especial: remete ao fato de haver, na linguagem, a intervenção do sujeito. Significa o oposto de *natural*, a concepção mecanicista representada, por exemplo, pelas descrições diacrônicas considerando a aplicação inexorável e linear das leis fonéticas. Para ele, o estudo seria, assim, uma forma de estudar o homem, ser histórico.

postulou ser a significação fator primordial na linguagem. Não por acaso, afirma que “antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano” (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 222). E completa:

Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de linguagem, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que deve caber à significação (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 222).

Valorizar e estudar a significação aproxima um e outro linguista num ponto: admitem que há na linguagem (e particularizado nas línguas) um lugar “previsto” para o sujeito fazer a língua significar tomando a si (o sujeito) como referência.

Além disso, admitem, por consequência, que há uma série de formas e categorias do sistema (signos) que permitem a realização da intervenção subjetiva na linguagem. E, destas, destacam-se os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, EU/TU (subjetivos), em oposição a uma terceira pessoa (objetiva). Pretendiam, pois, propor como parte da Linguística o estudo da língua, uma estrutura que possui uma ordem própria, considerando não só o seu aspecto formal, mas – e sobretudo - o seu aspecto semântico⁸, então “esquecido” em detrimento, ou da análise diacrônica, sucessiva linear, ou da descrição das regras sintagmáticas e paradigmáticas dos signos no sistema.

Neste sentido, referindo-se a análises feitas por Benveniste⁹, por exemplo, em **Da subjetividade na linguagem** (1958/1966), **A natureza dos pronomes** ([1956/1966]), **O aparelho formal da enunciação** (1970/1974), Guimarães (1995) assinala que

[...] o que Benveniste está fazendo é descrevendo a língua **levando em conta a hipótese de Bréal** de que ela tem as formas que marcam o elemento subjetivo quando se fala. Ou seja, a questão da subjetividade está aqui, como em Bréal, como uma questão linguística (GUIMARÃES, 1995, p. 46, grifo nosso).

Nem lógico, nem psicológico, tampouco naturalista ou pragmático: para ambos os autores, - remetendo ao homem, ao humano - deveria ser o estudo da língua, especificamente, da semântica da língua.

⁸ No sentido mesmo proposto, não ainda em Bréal, mas por Benveniste (1969/1974): Semântico, como o nível em que a língua, tomada por um sujeito (eu) expressa converte-se em discurso, significa, semantiza-se; o oposto é o semiótico, nível do signo, onde só interessam as oposições sistemáticas.

⁹ Por exemplo, em **Da subjetividade na linguagem** (1958/1966), **A natureza dos pronomes** ([1956/1966]), **O aparelho formal da enunciação** (1970/1974).

Não obstante, cabe ressaltar um ponto divergente. A retomada, conceptual, do elemento subjetivo de Bréal por Benveniste implementa uma diferença crucial: enquanto para o primeiro a subjetividade não é intersubjetiva, pois afirma que o homem emprega o *eu* e o *tu* como forma de opor “[...] a sua individualidade ao resto do Universo” ([1897] 1992, p. 146), o segundo, por sua vez, defende que há intersubjetividade entre eu/tu no interior do discurso¹⁰.

Bréal ([1897] 1992, p. 20) no prefácio do *Ensaio de Semântica*, consciente de seu papel de precursor de um estudo de semântica que fosse, incluindo o aspecto subjetivo, um desafio, ao dizer: “O que eu quis fazer foi traçar algumas grandes linhas, marcar algumas divisões, como um plano provisório sobre um domínio ainda não explorado e que reclama o trabalho combinado de várias gerações de linguistas”.

Benveniste aceitou esse desafio, que não era pequeno, por um detalhe: nos anos 50/60, período em que aparecem muitos dos textos de Linguística Geral de Benveniste, a Linguística na Europa estava buscando, mais que antes, se estabelecer sob os princípios do chamado *corte saussuriano*: Saussure ([1916] 1988), ao propor um método e um objeto para a Linguística Geral, “[...] excluiu o referente, o mundo, o sujeito e a história” (GUIMARÃES, 1995, p. 20). Restou, portanto, como objeto da Linguística, a *Langue*¹¹, “[...] um sistema de signos onde de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica [...]” (SAUSSURE, [1916] 1988, p. 23); e que, além disso, deveria ser considerada “[...] em si mesma e por si mesma” (p. 271).

Como falar nesse contexto em subjetividade na linguagem? Como fazê-lo, sem deixar de reconhecer o mérito do mestre genebrino que, de modo consistente, conseguiu fundamentar a autonomia da Linguística? Como justificar a (re)inclusão do sujeito sem “desfigurar” o conceito de língua? São questões que, talvez, se apresentassem a Benveniste.

As respostas viriam a partir da postulação de que a língua articula dois níveis de significância: o semiótico e o semântico.

Em um texto de 1967, **A forma e o sentido na linguagem** (1967/1974), após comentar que, via de regra, toma-se (à sua época) a noção saussuriana de signo, como ponto de partida e de chegada da análise da significação, Benveniste (1967/1974), coloca explicitamente ser necessário ir além de Saussure¹², ou mais propriamente, do *corte saussuriano*. Retoma, aliás, uma afirmação sua anterior: “Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num novo universo, o da língua

¹⁰ Para detalhes, consultar, por exemplo, Guimarães (1992).

¹¹ Sabe-se que Saussure aproveitou de seu mestre Bréal a noção de que a língua é social. Porém, excluiu o elemento subjetivo, já que estava propondo uma linguística do nível semiótico e não do semântico, no sentido benvenistiano dos termos.

¹² BENVENISTE comenta Saussure, em detalhes, em *Natureza do signo* (1939/1966), *Saussure após meio século* (1963/1966).

como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso” (BENVENISTE, [1964/1966] 1995, p. 139).

No **Curso de Linguística Geral**, não havia sido dito tudo. Faltava algo a dizer. Benveniste, interpretando Saussure, primeiro, comenta que “dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que o signo é a *unidade semiótica*” (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 224), pertence, portanto, a um **nível semiótico**, interno à língua. Em seguida, explica que, ao lado desse nível, a língua possui um outro, “um **nível semântico**, que resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 229-230).

Com o desenvolvimento dessas duas noções, que, aliás, já estavam latentes em textos anteriores a 1967, Benveniste encontra a maneira de combinar o “melhor de dois mundos”: Saussure e Bréal. Saussure porque admite sua importância incontestada que foi delimitar o espaço da Linguística entre as ciências, fundamentando-a, como veremos, nos limites do semiótico¹³. Bréal porque, à medida em considera noções como subjetividade, discurso e enunciação, Benveniste, com os devidos deslocamentos, estava retomando a proposta de priorizar o estudo do significado, do nível semântico da língua.

3 Nível semiótico e nível semântico: do sistema à língua em ação

A história delineada em 1967, com o mencionado **A forma e o sentido na linguagem**, vai ser complementada com um outro texto chave de Benveniste: **Semiologia da Língua** (1969).

Antes de detalhar o que vem a ser esses dois níveis e como se processa a sua articulação, Benveniste invoca Saussure, a quem reconhece o pioneirismo no tratamento de um dos elementos básicos da significação linguística: o signo. Esclarece que, ao fazê-lo, o mestre genebrino teria pensado os termos das unidades semióticas e suas características essenciais. Admite, assim que

Uma das teses mais importantes de Saussure é que a língua (sic) é um dos ramos de uma semiologia geral. Isto foi o infortúnio e isto será a glória de Saussure, ter descoberto o princípio da semiologia meio século antes de seu tempo (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 225).

Note-se que Benveniste referia-se ao fato de Saussure (1916) ter proposto, por exemplo, que a Linguística Geral se erigiria fazendo parte da Semiologia (p. 24), ciência geral dos signos, e teria como objeto de estudo a língua, sistema de signos (p. 24), estes de duas faces: significante e significado (p. 81). Textualmente, assenta Benveniste ([1967/1974] 1989):

¹³ Aliás, não se estranha assim que Saussure ([1916] 1988, p. 24) tenha proposto a Linguística como uma parte da Semiologia.

Tratando do signo, ele abriu o caminho para uma descrição das unidades semióticas: estas devem ser caracterizadas pelo duplo ponto de vista da forma e do sentido [...] já que o signo se apresenta [...] como significante e como significado (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 225).

Ora, falar em signo, significado e significante, pode parecer que se trata de um privilégio da significação. Não exatamente: Saussure falava em valor, resultante de oposições no interior do sistema. E só. Era, sabia Saussure ([1916] 1988, p. 80), o limite do signo, entidade essencialmente abstrata.

Então por que o Benveniste, que defendia que “[...] pode-se tomar como aceito que a linguagem é a atividade significante por excelência, a imagem mesma do que pode ser a significação [...]” (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 223), ou ainda o Benveniste que afirmava que significar é algo inerente à linguagem: “[...] é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada”, convoca o Saussure do *Curso*? Para uma mera apologia? Certamente que não.

Como se sabe, durante muito tempo, a linguística se manteve, de fato, lidando com problemas de ordem semiótica. Mas Saussure ([1916] 1988, p. 24) deixou uma afirmação que há muito parece ter sido tomada quase ou sempre como uma espécie de capricho: a língua não é o único, mas é o mais importante sistema de signos, ao ponto de merecer uma ciência só para si.

Eis o que interessa a BENVENISTE, que imediatamente pergunta: “O mais importante sob qual aspecto?” (BENVENISTE, [1969/1974] 1989, p. 49). E, complete-se: Por quê? “Em que se funda esse *status* especial?”

Reconhecer que “[...] os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso. A língua será então o interpretante da sociedade” (BENVENISTE, [1969/1974] 1989, p. 55); ou, ainda, a decorrência lógica de que “[...] a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, s e não-s” (p. 61), não satisfazem Benveniste. E a pergunta continua: Por que a língua é assim?

4 Dupla significância da língua: o semiótico e o semântico

Benveniste ([1969/1974] 1989, p. 64) explica que a causa dessa situação por assim dizer privilegiada da língua não decorre do fato de ela ser o mais importante sistema de signos, mas, pelo contrário, ela o é devido às características que possui. E ressalta:

Ela [a língua] é investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA. [...] A língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro” (BENVENISTE, [1969/1974] 1989, p. 64).

Eis o motivo da diferença, de a língua ser o interpretante privilegiado. Saussure estava certo. Benveniste também... este com uma diferença: tentará explicar o que vem a ser esses níveis.

Conforme Benveniste ([1969/1974] 1989, p. 64), enquanto “o semiótico designa o modo de significação que é próprio do SIGNO e que o constitui”, o semântico caracteriza-se como o “[...] modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO”. Além disso, complementa a diferenciação, assinalando que “O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO”; ao passo que “[...] o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO” (BENVENISTE, [1969/1974] 1989, p. 66, grifo do autor). Em seguida, explica assim a diferença: *reconhecer* pressupõe “[...] perceber a identidade entre o anterior e o atual [...]”; enquanto *compreender*, se refere à capacidade de “[...] perceber a significação de uma enunciação nova [...]” (BENVENISTE, [1969/1974] 1989, p. 66).

Note-se que *compreender*¹⁴ refere-se ao novo, à enunciação, que é única, irrepitível, individual, particular, por se referir a um acontecimento: a língua ter sido posta em ação, no discurso, pela pessoa eu/tu. Já *reconhecer*, pressupõe signos, elementos constantes, genéricos, cujo valor decorre de oposições no sistema.

Em decorrência, falar em semiótico e em semântico, considerando o pensamento benvenistiano, equivale a admitir que “a semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua: a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação” (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 229-230). Uma e outra, ao invés de se oporem, articulam-se por relações integrativas¹⁵: elementos de um nível compõem o outro nível superior. Deste modo, para o linguista estudar a significação, como preconizava Benveniste, não pode, como faria um estruturalista radical, limitar-se ao nível sistêmico (o do signo), porque a própria língua não se detém nele: ao contrário, ela converte os elementos desse nível (signos), em elementos de outro nível (palavras), que, no interior de unidades maiores (frases), expressam o semântico ao serem ditas, claro, por um *eu* discursivo.

Observe-se, pois, como Benveniste superou, assim, a dicotomia saussuriana língua/fala, quer dizer, superou a Linguística da *Langue*: postular os dois níveis para a língua consiste em postular – e admitir – as noções de intersubjetividade, discurso e enunciação. E – o que é muito importante – sem abandonar a ideia assente de que a língua é um sistema! É um sistema que significa. É semântico e – por isso mesmo – semiótico¹⁶: ao mesmo tempo – nos diz Benveniste ([1967/1974] 1989; [1969/1974] 1989).

Se tais afirmações de Benveniste figurassem como paradoxais, deixariam de sê-lo, quando ele afirma, por exemplo, que “com o signo tem-se

¹⁴ Interessante notar que Bréal ([1897] 1992) já sugeria que entre os usos da língua o fazer-se compreender é um dos primeiros.

¹⁵ BENVENISTE formula e discute esse conceito em **Os níveis da análise linguística** (1964).

¹⁶ Como se vê, BENVENISTE privilegia a ordem semântica.

a realidade intrínseca da língua...”, mas “com a frase liga-se às coisas fora da língua [...]” (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 230). Frise-se que, para ele, esse *fora da língua*, não é o real, é a realidade do discurso, a enunciação. Nas suas palavras: “O sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor” (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 230).

Em vista disso, parece que, por lógica, restava a Benveniste propor um novo aparelho conceptual para uma maneira nova de lidar com os dois níveis de significância. Ciente dessa tarefa, afirma ele:

[...] o signo e a frase são dois mundos distintos e que exigem descrições distintas. Instauramos na língua uma divisão fundamental, em tudo diferente daquela que Saussure tentou instaurar entre língua e fala (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 229)¹⁷.

Se ele diz isso, em 1967, em **A forma e o sentido na linguagem**, e fecha o texto; bem outra é a sua atitude três anos depois, em 1969, em *Semiologia da língua*: agora Benveniste não apenas defende textualmente a necessidade de um novo aparelho conceptual para lidar com as duas ordens, quanto delinea passos metodológicos da construção do mesmo.

Nesse sentido, começa declarando que, para dar conta daquilo que denominou semiótico, “[...] a teoria saussuriana do signo servirá de base à pesquisa”. Porém, visto que o domínio semântico “[...] deve ser reconhecido como separado”, “[...] precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições”. Conseqüentemente, pondera que “[...] é necessário **ultrapassar** a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua” (BENVENISTE, [1969/1974] 1989, p. 67, grifo nosso).

Tal ultrapassagem, como esclarece o autor, se fará, por duas vias distintas: as análises intralinguística e translinguística.

[...] na análise **intralinguística**, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica; na análise **translinguística** dos textos, das obras, pela elaboração de uma **metassemântica** que se construirá sobre a **semântica da enunciação** (BENVENISTE, [1969/1974] 1989, p. 67, grifo nosso).

5 Finalmente, O Aparelho formal da enunciação

O aparelho formal da enunciação (1970) é, muito possivelmente, um dos mais citados textos de Benveniste. Nele, o linguista francês assume para si, dentre outras, a tarefa de conceituar enunciação, e discutir como se dá

¹⁷ Note-se como Benveniste retoma aqui afirmações suas constantes, por exemplo, de Benveniste (1964).

a sua realização. Ao fazê-lo, mobiliza em tal ou qual medida uma série de conceitos outros que, desenvolvidos ao longo de textos anteriores¹⁸, são agora organizados em torno da enunciação, momento em que a língua é posta em ação, convertida em discurso, articulando, portanto, aqueles dois mencionados níveis de significância.

Definir enunciação como “[...] este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”; explicar em seguida que “[...] é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado [...]” (BENVENISTE, [1970/1974] 1989, p. 82); esclarecer depois que a “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso [e] é a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação [...]” (BENVENISTE, [1970/1974] 1989, p. 83) – tudo isso constitui, indubitavelmente, pontos de destaque na exposição de Benveniste (1970/1974).

Entretanto, considerando que o objetivo principal de Benveniste nesse texto é tratar do aparelho formal que possibilita a enunciação, pode-se dizer que o seu ponto centralizador reside no trecho em que ele afirma: “O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. [...] A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância do discurso constitua um centro de referência interno”. E completa: “Esta situação vai se manifestar por um jogo de **formas específicas**¹⁹ cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” (BENVENISTE, [1970/1974] 1989, p. 84, grifo nosso).

No entender de Benveniste ([1970/1974] 1989, p. 86), entre estas formas específicas, destacam-se os pronomes pessoais do discurso: eu/tu; os dêiticos que indicam espaço, e os indicadores de tempo. Considera-os fato da linguagem, comuns, pois, a qualquer língua.

Segundo ele, o pronome *eu*, e por simetria o *tu*, são responsáveis pela possibilidade do acionamento da noção de pessoa no discurso. Isto porque, se por um lado (no nível semiótico da língua), eles são meros signos vazios (não ligados a um objeto ou conceito), por outro, “quando alguém os pronuncia, este alguém os assume, e o pronome *eu*, de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação única e produz, a cada vez, uma nova pessoa” (p. 69). E complementa, dizendo, que esta, de tão importante, “[...] é a experiência central a partir da qual se determina a possibilidade mesma do discurso” (BENVENISTE, [1965/1974] 1989, p. 69). A subjetividade, ou antes, a intersubjetividade, está diretamente ligada a isso, pois

¹⁸ Sobretudo os publicados de 1956 a 1967, como vimos.

¹⁹ Cumpre registrar que, conforme Benveniste ([1970/1974] 1989, p. 86), além das formas específicas, sígnicas, “[...] a enunciação fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas. Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para esse fim de um aparelho de funções. [...] Todas as formas lexicais e sintáticas de interrogação, partículas, sequência, entonação, etc., derivam deste aspecto da enunciação”. Trabalhos como o de Kerbrat-Orecchioni (1980), em tal ou qual medida, parecem levar em consideração tal postulado de Benveniste.

Desde que o pronome eu aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome tu para se opor conjuntamente a ele, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento que a funda (BENVENISTE, [1965/1974] 1989, p. 69).

Disso resulta uma consequência crucial para a linguagem (explicitadas desde textos benvenistianos mais remotos) que é o fato de que “é numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento da subjetividade” (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 287).

Esse *status* especial de que goza o pronome *eu* – em oposição a *tu* –, explica-se, dentre outros fatores, pela centralidade: ele funciona como eixo nordenador do discurso: fornece as coordenadas a partir das quais as categorias dêiticas de espaço e tempo se organizam no discurso (cf. BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 288).

Quanto ao espaço, duas observações são fundamentais. De um lado, a lógica constatação de que “[...] os demonstrativos organizam o espaço a partir de um ponto central que é Ego [...]” (BENVENISTE, [1965/1974] 1989, p. 69). De outro, a constatação, não trivial, de algo que afeta toda a linguagem: “o sistema das coordenadas espaciais se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele-próprio designado como centro e ponto de referência” (BENVENISTE, [1965/1974] 1989, p. 70).

Já no tocante ao tempo, pode-se dizer que a ele e a sua expressão linguística, Benveniste fez algumas das mais citadas afirmações, quer pela sua pertinência, quer pela sua originalidade. Destaca, por exemplo, a existência de um tempo, singularizado pelo “[...] fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso” (BENVENISTE, [1965/1974] 1989, p. 74). Trata-se, a seu ver, de um tempo conceptualizado, indissociável da noção de pessoa (cf. BENVENISTE, [1965/1974] 1989, p. 68) e sublinha: “É pela língua que se manifesta a experiência humana de tempo, e o tempo manifesta-se irreduzível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico” (BENVENISTE, [1965/1974] 1989, p. 74). Em consequência, declara o linguista francês que “[...] a temporalidade humana com todo seu aparato revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem” (BENVENISTE, [1958/1966] 1995, p. 289). Ressalta, enfim, que, dentre as formas linguísticas reveladoras da subjetividade, nenhuma é tão rica quanto as que exprimem o tempo²⁰, nem

²⁰ Acresce a isso que, conforme Pontes (1992), Coroa (1998), Fiorin (2002), textos que mencionam e discutem o conceito benvenistiano de *tempo linguístico*, muitas vezes na língua as noções de tempo e espaço aparecem amalgamadas num tempo-espaço.

tão difíceis de se explorar²¹, em virtude das ideias preestabelecidas de tempo (cf. BENVENISTE, [1965/1974] 1989, p. 74).

Assim esboçado o aparelho formal, Benveniste demonstrava como se poderia fazer metassemântica, considerar a semântica da enunciação: estavam postos, então, os fundamentos básicos necessários para se construir a disciplina Semântica da Enunciação, uma forma de se fazer Semântica sem sair do âmbito da Linguística, sem precisar, por exemplo, recorrer à Lógica. BENVENISTE alcançara seu objetivo, e mais: sugeriu o método de repeti-lo.

6 Considerações finais

Considerando o exposto, pode-se dizer que Benveniste não apenas em 1970, mas ao longo de diversos textos diversos, defendeu uma forma de análise linguística que desse conta da enunciação, da subjetividade. Sua consciência disso, consciência de estar propondo e instaurando um novo lugar, é notória, não sendo, por certo, devido ao acaso o seu dizer:

Quando Saussure introduziu a ideia de signo, ele **pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua**; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. **Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema signifiante** (BENVENISTE, [1967/1974] 1989, p. 224, grifo nosso).

Não seria este um desafio aos linguistas seus contemporâneos e aos posteriores? Tudo indica que sim. Pois direta ou indiretamente, o pensamento de Benveniste, sobretudo acerca dos temas comentados/resenhados até aqui (subjetividade, enunciação), é ontem e hoje, aqui e ali, retomado nos seus conceitos básicos: seja isto para concordar, seja para ampliar, seja para refutar, o fato é que ele não deixa a “ordem do dia” do pesquisador que lida com a significação e com o fenômeno da subjetividade na linguagem.

Ducrot é um exemplo: nos seus começos (ANSCOMBRE; DUCROT, 1976) define enunciação não muito diferentemente de Benveniste. Mais tarde (DUCROT, 1984): critica a unicidade do sujeito benvenistiano, constrói, com a adoção de conceitos de Bakhtin, a Teoria Polifônica da Enunciação; conceitua, de novo, enunciação, mas sem atrelá-la, como fez Benveniste, à noção de sujeito; e, enfim, prioriza a argumentação na linguagem. É certamente um modo particular de estudar semântica, mas, também é em alguma medida a prática da Linguística considerando o que Benveniste chamou de nível semântico. É uma forma – e muito sofisticada –

²¹ BENVENISTE (1959/1966) exemplifica uma análise considerando os dois sistemas em que se distribuem os verbos franceses no tocante à expressão de tempo: discurso e história.

de superar, como preconizava Benveniste, o corte saussuriano... mas continuar, no que é possível, no âmbito da Língua. Com Guimarães (1995, 2002) e sua proposta de uma Semântica do Acontecimento, não é diferente: assume como filiações, dentre outros Benveniste (1966, 1974) e Ducrot (1984), além de pressupostos da Análise de Discurso, iniciada na França por Pêcheux, para, com os devidos deslocamentos, argumentar em favor de uma Semântica que considere a historicidade na enunciação. Por sua vez, Kerbrat-Orecchioni (1980) desenvolve um complexo estudo da enunciação da subjetividade na linguagem, onde mobiliza, juntamente com outros, o conceito de enunciação de Benveniste.

Com efeito, esses linguistas (três, mas a lista poderia ir além), mencionam Benveniste em tal ou qual momento, num contexto de ratificação, ou de retificação. No entanto, o mais importante a se notar é que todos, cada um a seu modo, praticam aquilo que Benveniste (1969/1974), como vimos, denominou metassemântica: uma semântica da língua. Fazem, portanto, em sentido amplo, uma “Semântica linguística da enunciação”.

Por fim, não seria demais dizer que, com uma proposta particular de interpretação e análise do fenômeno, em que a língua vai além da *Langue* saussuriana, e chega ao discurso, em que há espaço para a expressão da subjetividade, como começou a pensar Bréal, Benveniste conseguiu, retomando criticamente postulados de dois mestres incontestes da Linguística, ir além deles, como, aliás se espera do discípulo. A consequência é que, direta ou indiretamente, um vasto campo da Linguística, a Semântica, (ou especificamente as semânticas enunciativas), não se afasta do desafio proposto Benveniste. Ele continua aberto. Benveniste sendo relido.

REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, J-C.; DUCROT, O. “L’argumentation dans la langue. **Langages**, Paris, n. 42, p. 5-27, 1976.
- BENVENISTE, E. (1939). Natureza do signo. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 53-59. Edição original: 1966.
- BENVENISTE, E. (1956). A natureza dos pronomes. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 277-283. Edição original: 1966.
- BENVENISTE, E. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 284-293. Edição original: 1966.
- BENVENISTE, E. (1959). As relações de tempo no verbo francês. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 260-276. Edição original: 1966.

BENVENISTE, E. (1964). Os níveis da análise linguística. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 127-140. Edição original: 1966.

BENVENISTE, E. (1965). A linguagem e a experiência humana. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 68-80. Edição original: 1974.

BENVENISTE, E. (1963). Saussure após meio século. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 34-49. Edição original: 1966.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. Edição original: 1966.

BENVENISTE, E. (1967). A forma e o sentido na linguagem. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 220-242. Edição original: 1974.

BENVENISTE, E. (1969). Semiologia da língua. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p.43-67. Edição original: 1974.

BENVENISTE, E. **Vocabulário das instituições indo-européias**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. Edição original: 1969.

BENVENISTE, E. (1970). O aparelho formal da enunciação. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p.81-90. Edição original: 1974.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. Edição original: 1974.

BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**. São Paulo: Educ, 1992. Edição original: 1897.

COROA, M. L. M. S. **Tempo e temporalidade na língua**. Campinas: Unicamp. Tese (doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 1998.

DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. vol.1. Edição original: 1991.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1987. Edição original: 1984.

FIORIN, J.L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 2001.

GUIMARÃES, E. A Linguística é uma ciência histórica. In: BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**. São Paulo: Educ, 1992. p.9-15. Edição original: 1897.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**. Campinas: Pontes, 1995.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation de subjectivité dans le langage**. Paris: Armand Colin, 1980.

PONTES, E. **Espaço e tempo na Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes, 1992.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1988. Edição original: 1916.

Recebido em 12 de maio de 2021.

Aceito em 15 de agosto de 2021.

Publicado em 30 de novembro de 2021.

SOBRE O AUTOR

Jorge Viana Santos é doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculado ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. É Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB) e docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB). É pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos - GPEL (CNPq), do Grupo de Pesquisa em Linguística de Corpus – GPELINC (CNPq) e do Grupo de pesquisa Plataforma de Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CNPq). É coordenador, juntamente com a Profa. Cristiane Namiuti (UESB), do Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (LAPELINC); é pesquisador em rede associado ao LAVIHD, Laboratório Virtual de Humanidades Digitais, da USP. Como pesquisador da FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia), coordena o projeto de pesquisa “Corpora digitais de documentos históricos da Imperial Vila da Victoria, atual Vitória da Conquista-Bahia: resgate e preservação do patrimônio linguístico e da memória da escravidão na Bahia” (FAPESB APP0014/2016). Tem experiência na área de Linguística, Semântica, Semiótica, Linguística de Corpus; Memória e Fotografia, atuando nos seguintes temas: Escravidão, Liberdade, sentido, argumentação, lugares de enunciação, processos de designação, reescritura, subjetivação, fotografia, imagem e memória.

E-mail: viana.jorge.viana@uesb.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8548-4379>